



OS IMPACTOS DAS CRISES ECONÔMICAS NO PLANO ESTRATÉGICO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

Luiz Mendes Pacheco Júnior¹

Resumo: As crises econômicas têm influência em todo o mundo. No Brasil, 99% das empresas são pequenas e médias, sofrendo significativos impactos dessas crises. Este trabalho teve o objetivo de identificar os impactos das crises econômicas no plano estratégico dos pequenos negócios. Para isto, foi elaborada pesquisa bibliográfica e o desenvolvimento de um questionário, que foi apresentado a empresários de pequenos negócios. Como resultado, percebeu-se uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e a maturidade da empresa. Empresas com gestores mais preparados buscam assessoramento financeiro e tendem a prolongar seu ciclo de vida. Concluiu-se que os impactos das crises econômicas nos pequenos negócios têm forte relação com as ações tomadas nos momentos em que não há crise e que as empresas mais fortes são as que tem profissionais conscientes do caráter cíclico das crises.

Palavras-chave: Crises econômicas. Gestão financeira. Pequenos negócios.

1 INTRODUÇÃO

Crises econômicas são cíclicas (DANTAS, 2016). Teremos crises econômicas a cada mais ou menos dez anos (EXAME, 2010). Quando elas chegam, as grandes empresas, muitas vezes com reservas financeiras e investimentos diversificados, conseguem se manter pelo tempo necessário, até que a crise acabe ou, pelo menos, arrefeça. “Difícilmente uma crise ocorre de maneira isolada” (DAMAS, p.2, 2017); há muitas variáveis e motivos diferentes para a eclosão delas.

Para Domingos (2013), o brasileiro já está familiarizado com as crises econômicas pois, “somente nos últimos 25 anos, o Brasil enfrentou pelo menos cinco delas”. Contudo, são os

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em agosto de 2020, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Financeira.



pequenos negócios os que mais sofrem por aqui. Por este motivo, este trabalho se delimitou apenas nos pequenos negócios

“Os pequenos negócios empresariais são formados pelas micro e pequenas empresas (MPE) e pelos microempreendedores individuais (MEI)” (SEBRAE, 2020). No Brasil existem 6,4 milhões de estabelecimentos. Desse total, 99% são micro e pequenas empresas (MPE), que respondem por 52% dos empregos com carteira assinada no setor privado (16,1 milhões).

São justamente os pequenos negócios os mais sensíveis às crises e os que menos se preparam estrategicamente para abrir as portas. São muitos os riscos que afetam os empreendedores - que ainda devem lidar com crises que chegam sem muito aviso (GITMAN, p. 204, 2010).

As crises econômicas não causam apenas reflexos econômicos, podendo ser a causa do advento de uma nova organização social e financeira (KODJA, 2009), colocando o empresário em um cenário incerto e que muda rapidamente. Tudo isto demanda um plano estratégico de negócio que considere as mudanças de cenário e a necessidade de se proteger.

Diante do exposto, surge uma pergunta: quais os impactos das crises econômicas no plano estratégico dos pequenos negócios? Assim, este trabalho se justifica pelo seu caráter atual, procurando encontrar fundamentos nos estudos da gestão financeira para que as empresas, que são a matriz da economia do país, consigam superar as crises econômicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por mais que as crises sejam inevitáveis, há algo de previsível no comportamento das economias mundiais. Segundo o economista José Kabori (2019), elas são o resultado do comportamento irracional de investidores. Kabori (2019) afirma que o “remédio para solucionar uma crise é o veneno que costuma gerar a próxima”. Exatamente por isso, tornam-se cíclicas.

2.1 Crises econômicas

O estudo do histórico das crises econômicas poderia ser a solução para que outras pudessem ser evitadas, contudo, conforme diz o bilionário investidor Warren Buffet, “o que nós aprendemos da história é que as pessoas não aprendem com a história” (PECAUT; WRENN, 2020). A ilógica do comportamento dos mercados e dos investidores deixa claro que



a próxima crise é apenas uma questão de tempo. Contudo, não há motivos para não aprender com a história das crises, levando em conta que os erros em subestimá-las não devem se repetir.

As principais crises econômicas mundiais suscitaram dúvidas comuns em todos: quanto tempo pode durar? Qual o tamanho, se comparada a outras? Em um breve histórico, é possível relembrar as crises mais marcantes na economia mundial. Deixando de lado as crises econômicas de menor proporção, as principais crises têm muito a ensinar.

A famosa crise de 1929, também conhecida com A Grande Depressão, teve como causa os juros baixos associados ao crédito farto e a falta de regulamentação dos mercados (EXAME, 2020). No ponto mais negativo, em 1931, o índice *Dow Jones* chegou a marcar 86% de queda, voltando ao patamar de pontos antes da crise somente em 1955. Ou seja, foi uma crise cujos efeitos se prolongaram por 26 anos, devido às políticas fiscal e monetária pouco adequadas para impulsionar a recuperação econômica. No Brasil, agricultores e negociantes de café foram severamente afetados.

Com o mercado bastante globalizado, em outubro de 1997, uma mudança cambial na Tailândia causou a desvalorização de moedas e bolsas no mundo todo. No Brasil o Ibovespa caiu 50% de outubro a novembro de 1997, acompanhando a forte desvalorização de moedas e ações. Esta crise foi conhecida como A Crise Asiática.

Em 2001, o ataque às Torres Gêmeas de Nova Iorque, em 11 de setembro, desencadeou outra crise econômica. No Brasil o Ibovespa caiu 30%, mas a recuperação foi relativamente rápida. Em apenas dois meses, as movimentações de defesa dos Estados Unidos surtiram efeito nos mercados.

A crise do setor imobiliário de 2008, nos Estados Unidos, afetou o sistema financeiro do país e ecoou em todo o mundo, de janeiro a novembro daquele ano. A queda de 50% do Ibovespa só foi recuperada em setembro de 2017. Ou seja, os efeitos se prolongaram por 9 anos.

Diante deste breve histórico, percebe-se claramente que o contexto e a abrangência mudam de crise para crise, sendo bastante difícil compará-las ou fazer previsões. O fato claro é que a economia vive de ciclos, mas as oscilações são comuns e as recuperações ocorrem em prazos distintos. Em uma análise em perspectiva, as crises se tornam menos agudas no longo prazo, contudo, as soluções para uma crise não devem ser consideradas como indicação de solução para crises futuras e um plano estratégico financeiro deve estar em mãos, caso o pior aconteça.

A sequência de crises sofridas, refletidas na economia brasileira, delimita possibilidades de comportamento econômico, ao menos sob o ponto de vista do empresário. A série de



acontecimentos históricos proporciona entendimento do funcionamento da economia e direciona o empresário a sua tomada de decisão com as informações disponíveis (SENNA, 2016).

No Brasil, 99% dos estabelecimentos abertos são micro ou pequenas empresas. Esses pequenos negócios são a base de uma grande economia, geradora de emprego e receita para o Estado, por meio dos impostos. Em um país que fundamenta sua economia nos pequenos negócios, seus empresários devem estar preparados estrategicamente, o que inclui uma gestão financeira forte e estável para que a organização não sucumba às variações da maré.

Considerando que, para se alcançar um objetivo, ou vários, as organizações precisam desenvolver um plano detalhado que as auxilie a determinar o caminho a ser percorrido, o planejamento estratégico representa esse esforço do gestor em saber quais as pedras certas a serem pisadas para não cair. Neste trabalho foi focado apenas no que se refere à gestão financeira.

2.2 Gestão financeira e ciclo de vida das organizações

Kobori (2019) afirma que empresas que terão condições de passar por crises tem forte posições de caixa. Sobre o tema, ele define como importantes os índices de liquidez para realizar esta análise. Gitman (2010, p.51) define que:

A liquidez de uma empresa é medida em termos de sua capacidade de saldar suas obrigações de curto prazo à medida que se tornam devidas. A liquidez diz respeito à solvência da posição financeira geral da empresa — a facilidade com que pode pagar suas contas em dia. Como um precursor comum de dificuldades financeiras é uma liquidez baixa ou em declínio, esses índices podem fornecer sinais antecipados de problemas de fluxo de caixa e insolvência iminente do negócio. As duas medidas fundamentais de liquidez são o índice de liquidez corrente e o índice de liquidez seca.

Em outras palavras, a capacidade de uma empresa em superar a crise depende diretamente de sua liquidez. O fator tempo, neste caso, é de extrema importância, pois quanto mais durar a crise, maior deverá ser a capacidade da empresa de solvência. Gitman (2010) define o Índice de Liquidez Corrente como a divisão entre o ativo circulante e o passivo circulante. Para o Índice de Liquidez Seca, exclui-se os estoques no cálculo do Ativo Circulante, visto que estes têm liquidez menor do que há em caixa.

José Kobori (2020) acrescenta um terceiro nível: o Índice de Liquidez Imediata, que considera apenas o que de fato a empresa pode dispor imediatamente, desconsiderando contas a receber, estoques ou qualquer outro ativo com pouca solvência:



Quanto mais conservativo for o gestor financeiro, mais ele passará a atentar para a Liquidez Imediata. Esta é a que impacta a empresa imediatamente no início da crise. A incoerência, contudo, está em se proteger da crise com excessiva liquidez. Um índice de liquidez imediata alto não necessariamente significa que a empresa está bem, saudável. Ter muito dinheiro em caixa pode ser ruim para o negócio. Por exemplo, no caso de inflação alta e na perda de oportunidades de negócios.

Kobori (2020), que busca o viés fundamentalista na análise de empresas, ao aconselhar investidores de ações da bolsa de valor, ressalta que deve buscar as empresas que crescerão nos ciclos econômicos favoráveis e, principalmente, as que sobreviverão nos tempos de crise.

Os gestores de empresas que sobrevivem a crises consideram que as condições podem mudar repentinamente. Muitas crises chegam assim mesmo, de modo rápido e, muitas vezes, violento. Esses gestores são capazes de manter margem de segurança, gerando reservas e limitando os riscos. Na esfera comportamental, apuram sua disciplina nos tempos bons e ruins, mantendo uma posição de resistência e flexibilidade. Os efeitos deste tipo de gestor impacta diretamente no ciclo de vida de sua organização, que reflete o constante desejo de qualquer organização de ser perene.

O Ciclo de Vida das Organizações esclarece que a empresa deve focar em sua sobrevivência. Conhecer o motivo das ascensões e quedas das pequenas e médias empresas é o caminho para estabelecer estratégias que permitam que o ciclo de vida seja o maior possível. Há de se convir que muitas empresas morrem até mesmo em tempos em que não há crise econômica assombrando gestores. As etapas do ciclo de vida das pequenas empresas, segundo Scott e Bruce (1987), são divididas em cinco estágios: início, sobrevivência, crescimento, expansão e maturidade. Contudo, a transição entre os estágios requer mudanças, o que pode ocasionar alguma crise. Neste contexto, Hermann e Soares (2008, p. 44) expressam a importância de uma boa gestão: “Se os administradores são proativos e se antecipam às crises, os problemas de mudanças podem ser minimizados”. O conhecimento de quais crises podem acontecer e o que esperar em cada estágio de vida do negócio vai facilitar o processo de mudança na empresa.

O momento certo de agir não deve ser quando chega a crise. É necessário um comportamento preventivo por parte do gestor. De fato, o planejamento estratégico não para nunca, pois à medida que o empreendimento evolui de uma nova empresa para uma empresa madura, o planejamento continuará e a administração buscará atingir suas metas de curto e longo prazo (HISRIC; PETERS, 2004). Os sinais emitidos pelo mercado e a repetição



consistente de eventos de crises econômicas devem balizar a ação preventiva, com presciência, evitando gerir o negócio apenas com reações às mudanças.

Existem causas internas e externas que influenciam no sucesso ou fracasso das pequenas e médias empresas. Nos fatores externos, em geral sem poder de controle por parte do empreendedor, todas as empresas de um mesmo ramo são afetadas indistintamente, independente de seu tamanho. Um exemplo claro está nas crises econômicas internacionais, quando não apenas um ramo de atividade sofre, mas todos os países. Os fatores internos são a maior causa das causas de morte das micro e pequenas empresas. Para Edmister (1972) o principal fator para a mortalidade das empresas era a má gestão financeira.

Cochran (1981) identificou dois fatores cruciais para a morte prematura dos negócios: a falta de competência gerencial e a falta de experiência no ramo de negócio. Já para Adizes (1990), muitos negócios eram abertos sem a clara identificação de necessidade existente no mercado a ser satisfeita, visto que, para ele, um negócio só pode ser criado se houver necessidade de consumidores empresariais ou finais a ser satisfeita. Quando isto acontecia, a morte da empresa era certa.

Os fatores internos podem estar relacionados também ao nível de escolaridade do gestor da empresa, pois não teria o conhecimento prévio necessário para adotar medidas adequadas ao negócio, nem mesmo para planejar seus primeiros passos. Este aspecto foi focado neste trabalho, procurando compreender como a maior parte dos pequenos negócios se relacionam com o planejamento estratégico. Para isto, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de um questionário.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral do trabalho foi o de identificar os impactos das crises econômicas no plano estratégico dos pequenos negócios. Como objetivos específicos buscou-se apresentar um breve histórico das crises econômicas, o ciclo de vida das organizações e como estão posicionados os pequenos negócios brasileiros, bem como a maneira como estes se relacionam com planejamento estratégico financeiro. Por fim, foi feita uma análise das melhores práticas para o planejamento financeiro, considerando as crises econômicas e, assim, identificando os impactos das crises econômicas no plano estratégico dos pequenos negócios.

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, quando foram acessados os dados sobre as principais crises econômicas e suas consequências,



principalmente aos pequenos negócios, disponibilizados por organizações públicas e privadas. Também foi realizada pesquisa de campo, utilizando um questionário (Apêndice A) para coletar informações sobre os pequenos negócios e como os gestores relacionam o planejamento estratégico dos seus negócios com as crises econômicas. A ferramenta *Google Forms* foi utilizada neste momento, facilitando o processo.

O método utilizado foi o indutivo, considerando que as boas práticas dos pequenos negócios que superaram crises econômicas demonstram tendências. Porém, como a economia é dinâmica e não como há como analisar a totalidade dos pequenos negócios, não se poderia afirmar precisamente que os métodos utilizados poderiam ser aplicados em qualquer tipo de pequeno negócio.

Após a entrega do questionário a centenas de empresários, foi possível realizar a análise de dados, melhor compreendendo a relação entre os gestores e as crises econômicas.

4 ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa de campo realizada procurou encontrar respostas que pudessem entender os aspectos ligados à formação do gestor, suas consciências quanto às crises econômicas e a busca por assessoria na gestão financeira do seu negócio. Assim ficaram organizados os temas abordados no questionário (Apêndice A):

1. Tempo de atividade da empresa.

No cabeçalho inicial, o item “Ano de criação da empresa” deu a informação do tempo em anos que a empresa existe, esclarecendo o nível de maturidade organizacional. Havia a hipótese de que empresas mais novas pudesse ter gestores com mais informações e possibilidades de entendimento sobre o planejamento estratégico financeiro, o que ficou esclarecido na tabulação dos dados.

2. O nível de escolaridade do gestor do negócio.

Partindo do princípio de que nem todo gestor tem uma formação acadêmica que o habilite a realizar a gestão financeira de seu negócio de maneira estratégica, foi possível estabelecer uma relação de causa e efeito.

3. O nível de planejamento estratégico financeiro da empresa.

A pergunta “Considera que a organização tem/teve planejamento estratégico financeiro implementado?” colocou o gestor / colaborador em situação de análise e julgamento. Sua experiência poderia dizer se a empresa, de fato, pensava em suas finanças de maneira



estratégica. Mesmo que o nível de escolaridade não fosse alto, as consequências de uma gestão financeira são visíveis para qualquer pessoa que conheça o negócio e não carece de elaboradas explicações.

4. A consideração quanto às crises econômicas.

Foi avaliado o interesse da empresa sobre o assunto, no intuito de relacionar com os demais aspectos do questionário.

5. A busca por assessoria na Gestão Financeira Estratégica.

Neste aspecto buscou-se a relação entre o nível de escolaridade, consciência sobre crises econômicas e planejamento estratégico financeiro e a necessidade de assessoria.

O questionário foi divulgado via link da ferramenta Google Forms para empreendedores de pequenos negócios, via contatos de empresas contabilidade. Também foram levados até organizações de assessoria para pequenos negócios.

Quanto ao ano de criação da empresa, as respostas variaram de 1933 a 2017, com uma média no ano de 2004. Apenas uma empresa tinha mais de 20 anos. O ciclo de vida das empresas analisadas foi, portanto, representado por empresas relativamente jovens, em geral.

Quanto ao nível de escolaridade, os respondentes do questionário se dividiram em 54,5% Ensino Superior, 36,4% Pós-graduação/MBA e 9,1% Ensino Médio. Neste aspecto, não necessariamente as formações dos profissionais os capacitavam para a gestão de suas empresas, o que é demonstrado na existência de um plano estratégico financeiro na empresa, quando 54,5% disseram que sim, enquanto 45,5% disseram que não. Números próximos foram apresentados quanto à busca por consultoria financeira, quando 45,5% disseram que buscavam e 54,5 disseram que não buscavam.

Quanto à consideração dos gestores em relação à possibilidade de ocorrerem crises econômicas no futuro, 72,7% disseram que sim e 27,3% disseram que não. Esta percepção, tem pouca ou nenhuma relação com a capacidade dos gestores em se prepararem para as crises. Percebe-se aqui que grande parte dos gestores aceitam o risco de não se preparem para possíveis crises, mesmo sabendo que elas possivelmente ocorrerão, pois, quando perguntado quanto à importância de se estar preparado para possíveis crises, 100% dos respondentes disseram que sim.

Foi observado que 50% dos respondentes com nível de escolaridade acima de superior tinham um planejamento estratégico financeiro implementado em suas empresas. Destes, 50% também buscavam consultoria financeira e 25% não considerava a possibilidade de ocorrerem crises econômicas no futuro.



Após a apresentação dos resultados da pesquisa de campo e, analisando as demais questões apresentadas neste trabalho que influenciam diretamente nos pequenos negócios e sua relação com as crises econômicas, chegou-se a algumas conclusões.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho levantou como os pequenos negócios se posicionam no país, chegando a ocupar 99% de toda a força produtiva, com pequenas e médias empresas que geram riquezas e força econômica para a nação. A história, contudo, não tem sido benevolente com empresas que não compreendem o caráter cíclico das crises econômicas. Desde 1929, de tempos em tempos, há uma grande crise, com efeitos curtos ou longos. A globalização, que faz com que as relações econômicas se influenciem mutuamente e em escala global, permite que os problemas econômicos da Tailândia derrubem as bolsas brasileiras, como a crise que aconteceu em 1997.

Quanto ao gestor, percebeu-se a necessidade de compreender não somente os aspectos ligados às crises econômicas, mas ao ciclo de vida das organizações e a necessidade de haver um plano estratégico que possa manter a perenidade de sua empresa. Fatores internos e externos precisam ser considerados, bem como os vieses comportamentais que influenciam diretamente na tomada de decisão do gestor. O gestor que deixa um caixa robusto para emergências pode se sentir perdendo oportunidades. Com isso, fica claro que não basta para o gestor conhecer de finanças. Ele precisa entender a história, o contexto e que pode estar exagerando no otimismo.

Existem limitações na pesquisa realizada. A pesquisa de campo não permite a generalização dos resultados para as empresas além das estudadas em virtude da pequena quantidade de respondentes ao questionário. No contato com alguns gestores, que deliberadamente não quiseram responder o questionário, ficou claro que, desde março de 2020, outra crise os afeta. Ocasionalmente pelo COVID-19, muitos setores da economia estagnaram a ponto de muitos não resistirem. Alguns empresários disseram que suas empresas eram muito pequenas, enquanto outros claramente se mostraram acanhados em não considerar os aspectos levantados neste trabalho, declarando-se não aptos a responderem aos questionamentos. Contudo, o questionário demonstrou que, de maneira geral, apesar da história mostrar o caráter cíclico das crises econômicas, muitos não consideram que elas podem acontecer.

Esse comportamento pode ter grande influência na estratégia financeira do negócio, levando os gestores a não tomarem medidas que protejam suas empresas no advento da crise econômica, como a de não procurar consultoria financeira, por exemplo. Apesar de haver



relação entre o nível de escolaridade com a consciência do gestor para as crises econômicas, notou-se que o aspecto comportamental, a atitude dos empresários conta muito.

Como sugestão para trabalhos futuros, fica a necessidade de dar maior profundidade à influência dos aspectos culturais e regionais no plano estratégico financeiro das pequenas e médias empresas brasileiras, bem como até que ponto o nível de formação acadêmica dos gestores influencia na tomada de decisão estratégica, no que se refere à gestão financeira do negócio.

ABSTRACT: Economic crises are influencing the world. In Brazil, 99% of companies are small and medium, suffering significant impacts from these crises. This work aimed to identify the impacts of economic crises on the strategic plan of small businesses. For this, bibliographic research and the development of a questionnaire were carried out, which were presented to small business entrepreneurs. As a result, there was a positive correlation between the level of education and the company's maturity. Companies with better prepared managers seek financial advice and tend to extend their life cycle. It was concluded that the impacts of economic crises on small businesses have a strong relationship with the actions taken at times when there is no crisis and that the strongest companies are those that have professionals aware of the cyclical nature of crises.

Keywords: Economic crises. Financial management. Small business.

REFERÊNCIAS

ADIZES, Ichak. **Os ciclos de vida das organizações:** como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazem a respeito. São Paulo: Pioneira, 1990.

COCHRAN, A. B. **Small business mortality rates:** a review of the literature. Journal of Small Business Management, v.19, p. 50. Oct. 1981.

DANTAS, Eric Gil. **Crises econômicas: os ciclos sincronizados do capitalismo.** Pragmatismo Político. [Brasília, 2016]. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/crises-economicas-os-ciclos-sincronizados-do-capitalismo.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

DAMAS, Roberto Dumas. **Crises econômicas internacionais.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

DOMINGOS, Carlos. **Oportunidades disfarçadas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.



EDMISTER, R O. **An empirical test of financial ratio analysis for small business failure prediction.** Journal of Financial and Quantitative Analysis 7 (2): 1477-93, March, 1972.

EXAME. **Cronologia das crises mais graves desde 1929.** Mundo. [São Paulo, 2010]. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/cronologia-criises-mais-graves-1929-572924/>. Acesso em: 26 mar. 2020

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice, 2010.

HERMANN, Ingo Louis; SOARES, Thiago Coelho. **Gestão de micro e pequenas empresas:** livro didático. 1. ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. **Empreendedorismo.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KODJA, Cláudia Chueri. **Crise econômica ao final do século XX – 1970 a 2000:** Advento de uma nova organização social e financeira. 2009. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KOBORI, José. **Crise global 2019.** 2019. (0m40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xt9WxQCAwS4&list=PLf8GD_oQB_r_Z3I83M1NxfbNg9oW-Y0p5&index=3>. Acesso em: 01 abr. 2020.

PECAUT, Daniel; WRENN, Corey. **A Universidade Da Berkshire Hathaway.** 1. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

SCOTT, M.; BRUCE, R.. **Five Stages of Growth in Small Business.** Long Rang Planing, v. 20, n.3, p. 45-53, 1987.

SEBRAE. **Pequenos negócios em números.** SEBRAE nos estados. [Brasília, 2019]. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/sebraeaz/pequenos-negocios-em-numeros,12e8794363447510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SENNA, Luise Pereira. **Crises brasileiras: A ótica do empresário na tomada de decisão,** do Curso de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

TCC Pós-graduação em Gestão Financeira – UNISUL

O presente questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Pós-graduação em Gestão Financeira da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Todas as informações aqui apresentadas são sigilosas, não havendo identificação em momento algum da pesquisa. Solicito a gentileza de responder ao questionário, pois sua resposta é fundamental para o sucesso desta pesquisa.

A pesquisa se refere a aspectos de planejamento estratégico financeiro e sua relação com as crises econômicas.

Agradeço desde já a atenção dispensada.

Luiz Mendes Pacheco Júnior – Pós-graduando

QUESTIONÁRIO

Cargo:

Empresa:

Ano de criação da empresa:

Responda as seguintes questões quando couber para a sua organização. Se não couber, deixe em branco.

1. Qual o nível de escolaridade do gestor do negócio?
 - a. Sem estudo
 - b. Ensino Fundamental
 - c. Ensino Médio
 - d. Ensino Superior
 - e. Pós-graduação/MBA
 - f. Mestre/Doutor
2. Considera que a organização tem planejamento estratégico financeiro implementado?
 - a. Sim
 - b. Não
3. A empresa considera a possibilidade de ocorrerem crises econômicas?
 - a. Sim
 - b. Não
4. Considera importante a organização preparar-se para possíveis crises econômicas?
 - a. Sim
 - b. Não
5. A empresa busca consultoria financeira para gerir o negócio? (não considerar assessoria contábeis).
 - a. Sim
 - b. Não